



## **Programa Esquenta: a promessa de representação das diversidades sociais e da integração nacional na televisão brasileira<sup>1</sup>**

Marcos Vinicius Meigre e SILVA<sup>2</sup>  
Hideide Aparecida Gomes de Brito TORRES<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **RESUMO**

O presente artigo discute as formas pelas quais o programa *Esquenta*, da TV Globo, busca afirmar a construção de uma homogeneidade nacional. Para tanto, vale-se de um discurso pautado na ideia da junção de classes num mesmo ambiente, a fim de cumprir uma promessa pretendida pelo programa: juntar e misturar todos os grupos sociais. Além disso, vale-se da figura de Regina Casé como representação do popular para estabelecimento de um vínculo com as camadas sociais economicamente menos favorecidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Promessa de gênero; Identidade nacional; Representação social; Diversidade cultural

### **Introdução**

A televisão alcançou, ao longo do século XX, uma posição de destaque entre as famílias brasileiras. Na década de 1960, quando ainda começavam os primeiros programas, a TV colocou em evidência um caráter que lhe marcaria até os dias atuais: o espaço dedicado a produções populares. Ainda nas primeiras décadas da televisão já era possível encontrar em sua composição diversos programas popularescos que apelavam para a exposição do diferente, do inusitado, que não se enquadrava nos padrões estéticos e acabava servindo como demonstração de bizarrices e alegorias ao público. Com aceitação por parte dos telespectadores, os programas e as emissoras investiram na manutenção de tal gênero. Contudo, a televisão tem vivido momentos de adaptação em sua maneira de produzir. Com a ascensão das novas tecnologias e a concorrência direta com canais pagos voltados para segmentos específicos da audiência, a TV aberta busca se reinventar para manter a fidelidade de seu público. Para tanto, fundamenta-se em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 05 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

<sup>2</sup> Graduando em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), email: [marcosmeigre@hotmail.com](mailto:marcosmeigre@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV): [hideide@gmail.com](mailto:hideide@gmail.com)



promessas de gênero a fim de alcançar a receptividade do telespectador. Os programas ditos populares estão inseridos nessa lógica e assumem uma característica importante que lhes define, em síntese: levar ao telespectador aquilo que ele tem interesse em assistir (FRANÇA, 2004).

Segundo as pesquisas de França (2004), a TV assume a postura de considerar que o público se interessa por ver o bizarro, por isso a propagação de inúmeros programas seguidores de tal estilo na televisão brasileira. Dentre inúmeros exemplos, o programa *Esquenta*, da TV Globo, se resume como uma atração voltada ao popular, porém traz o inusitado ou o bizarro sob nova ótica. O programa em questão é objeto de análise do presente artigo.

### **O programa *Esquenta***

Apresentado por Regina Casé, a atração se estrutura a partir de uma mistura de temas expostos ao longo de cada exibição. As questões são discutidas numa espécie de debate aberto com a participação de artistas, cantores (principalmente sambistas) e personagens populares. O programa é exibido desde 2011, sempre entre janeiro e março, na programação de férias da TV Globo<sup>4</sup>. A origem do programa, segundo definição da própria apresentadora, está em outras atrações populares, como o programa do Chacrinha.

O samba é a principal atração do programa, sendo identificado até mesmo na abertura. Desde o surgimento do programa, *Esquenta* mostra uma forte ligação com tal estilo musical. A cada domingo, uma escola de samba do Rio de Janeiro era convidada e levava sua bateria, sua velha guarda, sua rainha de bateria e suas assistidas para o programa. Atualmente essa dinâmica não prevalece, mas o samba continua como fio condutor do produto em questão.

O programa se anuncia como um espaço destinado ao desfile da diversidade, com foco central nas periferias. Participantes de diferentes classes sociais, religiões e culturas interagem no palco da atração, orquestradas pela apresentadora Regina Casé que, em todas as edições consideradas, reforçou que o lema da atração é “Xô preconceito!”, seguido de outra expressão também bastante recorrente ao longo dos programas: “Tudo junto e misturado.” A partir disso, o programa cria uma expectativa de gênero, como será visto nos próximos tópicos.

---

<sup>4</sup> Este ano, o programa *Esquenta* continua sendo exibido aos domingos pela Rede Globo, não se limitando às temporadas que ocupavam apenas os três primeiros meses do ano. Em 2013, conforme anúncio feito pela própria apresentadora, o programa será exibido ao longo de todo o ano.



### ***Esquenta*: análise de conteúdo**

Para compor o corpus de pesquisa do presente artigo, foram consideradas seis edições do programa *Esquenta*, veiculadas nos meses de março e abril de 2013. Dessa forma, os programas exibidos em 10, 17, 24 e 31 de março e 07 e 14 de abril fizeram parte do conteúdo analisado. O material serviu de base para compreender o estilo do programa e entender qual dimensão ele assume em termos de expressão do popular. O recorte temporal foi selecionado de forma arbitrária, contudo o período de seis semanas é tido como adequado para obter informações e apreender detalhes sobre a composição do *Esquenta*.

### **Entretenimento como categoria televisiva**

Os programas televisivos se enquadram em categorias estabelecidas a partir de estudos sistemáticos, levando em conta uma série de características que os aproximam ou diferenciam entre si. Com base nessa sistematização, é possível verificar a existência de categorias, gêneros e formatos. “Em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria.” (SOUZA, 2004, p 45). Dessa maneira, podem ser encontradas cinco categorias de produtos televisivos, segundo classificação apresentada por Souza (2004): entretenimento, informação, educação, publicidade e outros. Tais categorias se subdividem ainda em diversos gêneros, cada um adotando especificidades em seu estilo de produção, o que constitui a diversidade de formatos em TV. Assim, a categoria entretenimento, por exemplo, engloba os gêneros auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, *game show*, humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quiz show*, *reality show*, revista, série, série brasileira, *sitcom*, *talk show*, teledramaturgia, variedades e *western*. (SOUZA, 2004)

Para fins de análise deste artigo, consideremos apenas a categoria entretenimento e o gênero auditório, sendo os itens aos quais *Esquenta* se encaixa. O programa é classificado como de auditório e isso ajuda a se atingir o objetivo da atração – que é misturar num único ambiente grupos sociais distintos. Além disso, frequentemente a apresentadora Regina Casé recorre à plateia para ouvir opiniões e comentários, como na edição de 14 de abril, em que duas mulheres da plateia foram chamadas para darem sua opinião sobre o que representa a expressão “*Ãn*”, utilizada na música sertaneja “Sinal disfarçado”, interpretada por Zé Ricardo e Thiago, que estavam presentes no programa.



A plateia atua como a confirmação de que o público está se vendo representado e compartilha das mesmas sensações e opiniões expressas.

Os programas que mais aproximam o telespectador da realidade da produção em televisão são os de auditório, pois permitem a entrada do público nos estúdios ou nos locais preparados para gravação. Neles, o público é frequentemente convidado a participar do programa. Atualmente, os programas de auditório são classificados pelas emissoras como de variedades, principalmente porque são caracterizados pela apresentação de música, comédia, quadros dramáticos, dança e muitos outros recursos. (SOUZA, 2004, p 93)

A disposição do cenário, numa espécie de arquibancadas coloridas que abrigam o público presente, deixando ao centro do palco o espaço destinado ao desfile das atrações do programa, se assemelha à ideia do circo, sob a ótica de uma adaptação contemporânea. Por esse espaço é que circulam artistas, convidados e pessoas anônimas escolhidas para relatarem suas histórias relacionadas aos temas abordados pelo programa.

Os programas de auditório prendem a atenção do público e do telespectador pela variedade de atrações apresentadas num só programa, aproximando-se da mesma linguagem utilizada pelo circo. O público do gênero auditório também comparece para mostrar alegria, animação, interesse, podendo cantar, dançar e dar opinião, sempre instigada pela figura do apresentador, que centraliza a atenção e conduz o programa. (SOUZA, 2004, p 94)

### **O discurso da promessa: quando o popular se torna celebridade**

Para explicar a dinâmica da televisão, Jost (2004) propõe a ideia de promessa. Nela, o telespectador acredita na atividade de assistir à TV e só pode contar com a promessa de que o canal cumpra com o que diz. Além da crença, levam-se em conta os saberes dos sujeitos. Assim, o que se nota é uma preocupação com o telespectador, não apenas pensando no âmbito da produção, mas no efeito que essa produção pode gerar no outro extremo – na recepção.

Jost (2004) afirma, portanto, que é através do gênero que a TV age sobre o telespectador. Ele ainda diz que, mesmo a promessa sendo unilateral (os gêneros televisuais prometem e o telespectador somente pode esperar que isso se cumpra), ela leva em conta as conseqüências geradas na recepção. Isso porque o público tem uma liberdade de escolha – que lhe permite não prestar atenção na TV quando não quiser, trocar de canal, desligar o televisor, etc.

Em se tratando especificamente do *Esquenta*, o caso de promessa se evidencia no sentido de que o programa se propõe como entretenimento, fundamentado em variedades. Em 17 de março, por exemplo, o programa abordou o tema diversidade



religiosa, levando Padre Omar, Rabino David Weitman, Thalles Roberto e banda Clareou, dentre outros, para exemplificar e reforçar a ideia de espaço voltado ao respeito às diferenças. Este programa em específico fundamenta com clareza a promessa do *Esquentá*, de enfatizar o lema frequentemente reiterado pela apresentadora – o “tudo junto e misturado”.

No programa do dia 10 de março, em homenagem ao dia internacional da mulher, a atração trouxe como pauta central o câncer de mama. Para isso, valeu-se de depoimentos de famosas (como Elba Ramalho), que descreveram o processo de descoberta e tratamento da doença. Reafirmando a noção do popular, Regina ouviu de mulheres da plateia depoimentos em tom emocionados sobre casos de superação do problema. Outra característica pode ser notada a partir dessa postura: o apelo ao emocional. Comumente utilizado em programas de auditório, o interesse em detectar casos que levem significativa carga de subjetividade ao público predomina nesse tipo de produção. Assim, com a dramatização é possível se aproximar dos sentimentos do telespectador, principalmente quando ele se identifica com o tema tratado.

Ainda com relação à edição de 10 de março, vale ressaltar a presença do especialista para corroborar as considerações científicas e técnicas sobre o tema. No caso, Dráuzio Varella assumiu tal papel e suas inserções ao decorrer da conversa são de caráter explicativo, orientando o público sobre cuidados básicos. Na edição de 17 de março, os representantes das religiões mostradas acabaram por assumir o posto de especialistas. Esse recurso é comum no jornalismo, que usa da figura do especialista para comprovar as temáticas tratadas em reportagens (CHARAUDEAU, 2006).

### **Tudo junto e misturado: o mito da identidade nacional**

O programa *Esquentá*, além de construir um imaginário em torno da noção de popular, busca estabelecer outra questão que deve ser analisada: a mistura de grupos e, com isso, a criação de um espaço para a exibição das diferentes formas de cultura e saberes nacionais. Assim, o programa propõe uma espécie de criação da identidade nacional, como se fosse a representação do gosto popular de qualquer brasileiro. Nesse aspecto, quando apresenta semanalmente atrações relacionadas a sambistas, por exemplo, o programa considera o ritmo uma unanimidade entre os brasileiros. Por isso, a crítica à noção de unicidade que *Esquentá* tenta trazer perpassa a construção do imaginário de coletividade – como se o Brasil fosse basicamente a representação do que



se vê na TV. Hall (2006), em seus estudos referentes a identidade, pontua que, numa nação, “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2006, p. 59). É o que ocorre com *Esquenta* ao representar a cultura localizada no Rio de Janeiro – samba, carnaval, favelas cariocas – como sendo a cultura consumida pelas massas do país inteiro. Na edição de 14 de abril, Regina Casé declarou que “o *Esquenta* nasceu de uma roda de samba”, deixando clara a origem do programa e o que, de fato, ele representa. No mesmo dia, ao apresentar uma dupla sertaneja que cantaria no palco, Casé diz: “Esse pessoal não é do samba, mas também adora uma mistura. É a cara do *Esquenta*.” Com tal afirmativa, Regina reforça a noção de que o samba predomina na atração e justamente ele tem a característica de unir grupos diversos.

Uma cultura nacional, segundo Hall (2006), é resultado de um discurso, perpetuado ao longo do tempo e que produz sentidos sobre a nação que ajudam a compor nossa identidade cultural. São lendas, memórias e tradições transmitidas através de gerações e que plantam a ideia de que uma identidade nacional é uma comunidade imaginada. Imaginada no sentido de ser o resultado das próprias idealizações de seu povo, reflexo de suas tradições. Cada cultura se imagina de uma forma e isso é que dá o caráter particular de cada identidade nacional. No Brasil, elementos como o carnaval e o samba são vendidos como se fossem as principais formas de representação da cultura do país, mas, na verdade, o que ocorre é a tomada de uma parcela da cultura nacional (a carioca) para ser vendida como sendo um sentimento generalizado. “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. (HALL, 2005, p. 61-2)

Na edição de 07 de abril, por exemplo, o programa explorou a questão da influência brasileira sobre a cultura japonesa. Ao falar dessa temática, podendo seguir por variadas formas de explaná-la, a atração optou por abordar, dentre outras pontuações, como é o carnaval no país – denominado Asakusa. Essa escolha do eixo de abordagem confirma a tendência do programa em reforçar estereótipos nacionais – no caso, o carnaval. Para comprovar tais estereótipos, a presença de uma apresentadora que transmite a mensagem de vínculo com a periferia é uma estratégia discursiva fundamental.



## **A construção da imagem popular de Regina Casé<sup>5</sup>**

Regina Maria Barreto Casé nasceu em 25 de fevereiro de 1954, em Botafogo, Rio de Janeiro. É filha de Geraldo César Casé e Heleida Barreto Casé, e neta de Ademar Casé, um dos pioneiros do rádio no Brasil. Na década de 1970, Regina teve seu primeiro contato com o teatro, formando um grupo que apresentou a peça *O inspetor geral* e com ela Regina ganhou o prêmio Governador do Estado por atriz revelação. Ainda nos anos 1970, a atriz teve contato com o cinema, participando do filme *Chuvas de verão*. Mas é a partir da década de 1980 que Regina vai se consolidando no cenário midiático. Em 1986, por exemplo, a personagem Tina Pepper (da novela *Cambalacho*, da Rede Globo) foi vivida pela atriz, criada exclusivamente para Regina. A artista também integrou o programa de humor *TV Pirata*, ao lado de nomes consagrados, como Claudia Raia e Ney Latorraca.

Contudo, a partir da década de 1990 a imagem de Regina Casé se atrelou à ideia de popular. Primeiramente por conta do *Programa Legal*, que misturava documentário, ficção e humor e era apresentado ao lado de Luis Fernando Guimarães. Em 1995, ela comandou o *Brasil Legal*, que trazia a proposta de mostrar aos brasileiros um Brasil diferente, explorando principalmente a veia humorística da artista. Em 1998 estreou *Muvuca*, com objetivos similares aos apresentados por *Brasil Legal*, porém o programa não contava com um roteiro pré-determinado (o que explica o próprio nome da atração) e misturava artistas e anônimos num mesmo ambiente – prerrogativa que se aproxima da proposta do *Esquentando*, contudo o cenário de *Muvuca* era uma casa no Rio de Janeiro. Já em 2006, ela comandou o *Central da Periferia* – como a própria atriz definiu<sup>6</sup>, uma mistura de todos os outros trabalhos já realizados por ela, no qual se colocam em evidência as comunidades marginalizadas. Por fim, em 2011 estreou o programa *Esquentando*, dividido em temporadas e seguindo a mesma linha de aproximação e exaltação do popular, já característico das produções às quais a imagem de Regina Casé vinha sendo associada.

## **Regina Casé: um personagem em cena ou a autenticidade de um estilo?**

Ao associar a imagem de Regina Casé com questões de cunho popular, o telespectador constitui um imaginário que lhe foi sendo transmitido ao longo dos anos.

---

<sup>5</sup> Para construção dessa seção, as informações foram obtidas no site da apresentadora: [www.reginacase.com.br](http://www.reginacase.com.br)

<sup>6</sup> Consultar site da apresentadora, na seção Vida.



Resultado não apenas do atual trabalho com o *Esquenta*, mas de todo o histórico relacionado ao tema, Regina Casé teve sua imagem afixada como representação dos anseios das camadas menos favorecidas economicamente. Na abertura do programa *Esquenta* já é possível identificar elementos que compõem a imagem da apresentadora: “Alô, Regina. É tão gente fina que sabe chegar. Em qualquer esquina, tá na cobertura, na laje ela está. É quem domina, porque tem a sina de ser popular [...]”

O trecho acima indica como está enraizada a ideia do popular à figura de Regina Casé, destacando lugares (laje, cobertura, esquina – comuns entre classes mais pobres) onde ela seria facilmente encontrada e se sentiria à vontade, justamente por ser defensora dessas camadas (“tem a sina de ser popular”).

Conforme Goffman (1985) pontua, as primeiras impressões num contexto de atuação social são relevantes para criar a imagem com relação ao outro. No caso de Casé, como sua atuação vem seguindo a mesma linha de representação desde suas primeiras aparições na TV, o telespectador consolidou uma imagem da artista sempre atrelada ao popularesco.

Representando o papel de mulher aliada da periferia, Regina compõe um personagem voltado para tais camadas. Porém, o vínculo da apresentadora com as comunidades não é, de fato, totalmente consumado. Isso porque, conforme se verifica na fala da artista (extraída de seu site), ela cumpre a premissa de representar o popular, sem vivenciá-lo em sua totalidade:

Moro no Leblon, nunca morei em favela, porque sei que é difícil. Tenho admiração por pessoas que conseguem viver lá, é um ambiente onde me sinto bem. Mas isso não quer dizer que tenha que morar lá. Por mim, todo mundo moraria bem (REGINA CASÉ, site pessoal).

Regina Casé, assim como todos os envolvidos em seus programas, estão inseridos num palco de representações sociais. Enquanto está no ar, os trejeitos que transmite, as roupas que usa, os assuntos que aborda fazem com que se imagine uma Regina Casé, dentro e fora da TV, caracterizada pelos traços populares. Por mais que em seu dia-a-dia a artista mantenha determinados trejeitos adotados no programa (como a fala espontânea, uso de gírias e expressões populares), ela não é resultado do convívio direto com tais classes. Durante o *Esquenta*, ela faz parte de uma encenação que se constitui na construção de uma fachada, uma representação perante o público. Ainda segundo os preceitos de Goffman (1985), o que Regina Casé faz é assumir intrinsecamente o papel ao qual está vinculada, numa mescla aparentemente indissociável entre a figura da artista e da personagem que ela assume no palco, de



modo que o público não identifique nela uma máscara, e sim uma realidade constituída. Regina é uma espécie de ator sincero dentro das teorias de Goffman, pois acredita na cena que representa e, conseqüentemente, consegue fazer com que seu público também acredite.

### **Considerações finais**

*Esquenta* é um programa produzido no eixo Rio-São Paulo, portanto ele não consegue se distanciar totalmente da representação cultural dessas duas regiões. A centralidade da produção nas TVs faz com que elas pequem em proporcionar ao telespectador uma produção efetivamente diversificada, quando houver interesse para tal. No caso do *Esquenta*, a pretensa em se mostrar como uma vitrine do popular pode ser encontrada, porém um popular geograficamente localizado e circunscrito. Mesmo quando são apresentadas outras atrações que falem sobre tendências e elementos culturais de outras regiões do país, o espaço dado a essas atrações – se comparado com o todo do programa – é menor. Dessa maneira, a promessa estabelecida pelo programa fica comprometida, apesar de não ser totalmente descartada, pois, de fato, abarca a diversidade, mesmo que não dê a ela um tempo igual para se expressar.

Outra questão a se pontuar é a representação da identidade nacional. O programa propõe que o povo brasileiro está representado na atração pelo simples fato de haver, semana após semana, a exibição de quadros envolvendo, majoritariamente, samba e *funk*. A ideia de identidade fica restrita à pré-disposição de que todo brasileiro se sente identificado com esses tipos de produções musicais. Assim, novamente a promessa encontra entraves para sua comprovação, pois que o “tudo junto e misturado” que se evidencia é resultado de uma mistura seleta, e não generalista ou geograficamente abrangente.

Há ainda que se ressaltar o papel da apresentadora, criando um imaginário popular que já lhe acompanha a alguns anos, por conta da proximidade com classes economicamente mais baixas e suas atuações em produções televisivas voltadas para esse público – como, por exemplo, o programa *Muvuca*, que possuía uma proposta muito similar ao que o *Esquenta* traz atualmente. Regina Casé é uma espécie de figura corporificada do popular na TV, que apresenta nos trejeitos e na maneira de falar uma aproximação com tal público. Contudo, por mais próxima que se apresente dessas camadas, Regina é uma artista e, portanto, tem um estilo de vida diferente da maioria da população que lhe assiste. Por mais que se pareça indissociável da personagem vista no



palco, Regina é uma apresentadora e, como tal, exhibe características em cena que não refletem enfaticamente sua realidade pessoal. De modo sintético, o que se sucede com Regina é uma representação do popular, sem que ela vivencie em plenitude essa popularidade fora da tela (pelo menos, não em todos os momentos). Entretanto, a imagem transmitida favorece a identificação com o público e permite a manutenção do vínculo da apresentadora com tais camadas sociais.

Em síntese, vale salientar que o conceito de promessa em *Esquenta* é atendido em partes, porque o programa é composto por quadros que se caracterizam como próximos do humorístico, do fazer rir e se divertir em frente à TV – assim, comprova-se seu vínculo com o entretenimento. No entanto, a promessa de levar ao palco uma mistura de todas as classes sociais e gostos populares é parcialmente atendida, uma vez que *Esquenta* traz majoritariamente grupos cariocas ligados ao samba para o centro da atração. Ao levar, por exemplo, Caetano Veloso na edição de 24 de março, a apresentadora indaga ao cantor sobre sua ligação com o samba e pede para que ele cante alguma música desse ritmo. Esse fato evidencia claramente uma premissa que perpassa a construção do programa como um todo: mesmo que traga grupos distintos para participarem da atração, a logística na qual o programa está fundado faz com que todos acabem se submetendo a uma aproximação com o que se considera como o ritmo mais popular do país: o samba. *Esquenta* é, portanto, uma construção imaginada da brasilidade, reforçada na figura de Regina Casé e arquitetada pela televisão com o intuito de promover uma pretensa integração entre todas as comunidades do país.

### **Referências bibliográficas**

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANÇA, Vera Veiga. **Representações, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, Miguel *et.al.* (orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Ideias & Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Programas populares na TV: desafios metodológicos e conceituais**. COMPÓS. 2004.



GOFFMAN, Herving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10<sup>a</sup> ed. Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PINHEIRO, Iasmin de Simas. A representação social do popular na mídia televisiva: o caso do programa Esquenta da Rede Globo. **Revista Anagrama**. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewArticle/8162>.

Acessado em 08 de fevereiro de 2013.

Regina Casé – Vida. Disponível em: <<http://www.reginacase.com.br/vida>>. Último acesso em: 14 de abril de 2013.

SOARES, Cybele; BRAZ, Sandrine; MEIRELES, Norma. Programa Esquenta: a periferia se vê por aqui? In: **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 2011, Maceió. Disponível em <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0137-1.pdf>.

Acessado em 08 de fevereiro de 2013.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

TORRES, Lígia Carmen. **Programas de Auditório: a Resistência da Expressão Popular**. Disponível em: <<http://200.2.115.237/spip.php?article841>>. Último acesso em: 16/06/12.